UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA E LÍNGUAS CLÁSSICAS – LIP

Passos iniciais para uma análise histórico-comparativa do Arutani

DIEGO CABRAL

Brasília
2024

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE LETRAS – IL

DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA E LÍNGUAS CLÁSSICAS – LIP

DIEGO CABRAL

Monografia confeccionada como trabalho de conclusão do curso de licenciatura em Letras – Português do Brasil como Segunda Língua (PBSL) da Universidade de Brasília (UnB).

Brasília
2024

FICHA CATALOGRÁFICA

CABRAL, Diego.
“Passos iniciais para uma análise histórico-comparativa do Arutani” Orientação: Thiago Costa Chacon, Brasília, 2024. 47 páginas.

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (G) – Universidade de Brasília/ Instituto de Letras/ Departamento de Linguística e Línguas Clássicas, 2024.

1. Línguas isoladas. 2. Comparação lexical. 3. Linguística histórica. 4. Método Comparativo. 5. Variação dialetal.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

CABRAL, Diego. **Passos iniciais para uma análise histórico-comparativa do Arutani.** Brasília: Departamento de Linguística e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2024, 47 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso.

CESSÃO DE DIREITOS

Nome do autor: DIEGO CABRAL
Título do Trabalho de Conclusão de Curso:
Ano: 2024.

É concedida à Universidade de Brasília permissão para reproduzir cópias desta monografia de graduação e para emprestar ou vender tais cópias somente para propósitos acadêmicos e científicos. O autor reserva-se a outros direitos de publicação e nenhuma parte desta monografia de graduação pode ser reproduzida sem autorização por escrito do autor.

_____

DIEGO CABRAL
e-mail: diegocabraldc@hotmail.com

AGRADECIMENTOS

Conversando certa vez com minha amiga Mayra, eu me dei conta de que cursar Letras sempre foi um antigo sonho meu. Não poderia, portanto, entregar este trabalho de conclusão de curso sem agradecer àqueles que de alguma forma cooperaram para que esse sonho se tornasse real.

Agradeço à minha família, ao meu pai Sérgio, à minha mãe Elisabete e à minha irmã Isabel, por terem sido meus primeiros professores sempre presentes em todos os meus passos.

Agradeço à minha esposa Renata, ao meu lado todos os dias, e que, além de dividir a vida e a caminhada comigo, tem sempre me apoiado nos estudos, dando sugestões nos trabalhos acadêmicos e cobrando bom desempenho nas matérias.

Agradeço a Julieta Pereira, minha sogra querida, e a Renato Carreiro, meu cunhado, parceiro nas mais diversas horas e exemplo de educador.

Agradeço à minha afilhada Celina Mendes Conrado por todo carinho e apoio durante a graduação.

Agradeço às minhas amigas e aos meus amigos que trabalham comigo Fernando Silva, Mayara Brito, Gabriel Torquato, Paulo Neison, Ricardo Rodrigues, Anselmo da Mata, Alisson Cabral, Bruno Guimarães, Adolfo Manoel, Isabelle Gregório, Juliana Almeida, Marileide Oliveira, Henrique Pessoa, Cleia Lorena e Erlison Santos. Aos dois últimos de forma bastante cara, pois ambos, de uma certa forma, me adotaram academicamente, me incentivando a me matricular no curso de Letras, e cobrando o meu "boletim" ao final de cada semestre.

Agradeço aos meus amigos e colegas de curso Aline Gomes, Mayra Caroline, Reve Silva, Vitória Ellen, Brenda Britney, Asheley Alves, Keyla Lorrane, Camila Ramos, Assíria Martins, Chrys Luanna, Larissa Lelis, Yasmin Jreige, Nádia Oliveira, Karine Aragão, Giovanna Gomes, Ana Carolina Andrade, Ana Gabriela, Pablo Ferreira, Paulo Honorato, Gabriel Barros e Alfie Éli. É inestimável como a ajuda de vocês, a parceria nas pesquisas, os trabalhos em equipe e a convivência diária têm sido fundamentais para a minha graduação.

Agradeço às minhas amigas e aos meus amigos virtuais Aline Schwartz, Nayara Lara, Julio Silva e Marian Coromoto. A ideia de cursar licenciatura surgiu das nossas muitas conversas, que me mostraram como amo ensinar línguas.

Agradeço aos meus amigos das antigas Anderson de Morais Leocádio, Anderson Braga Fernandes, Rodrigo Barbosa, Gustavo Mesquita, David Lima, Orion Teles, Wellington Sampaio, Carlos Eduardo Brito, Ana Paula Sousa e Daniel Nobre, que sempre incentivaram meus estudos, com dicas, sugestões e motivações.

Agradeço às queridas e aos queridos docentes Tábata Yonaha, Verônica Vinecký, Michelle Vilarinho, Flávia de Castro Alves, Altaci Kokama, Ana Adelina, Márcia Niederauer, Maria Emília Gonzaga, Janaína Ferraz, Lurdes Teresa, Flávia Maia-Pires, Antônio Augusto, Fernando Fidélix, Dioney Gomes, Abdelhak Razky, Ronaldo Lima Jr., Thiago Blanch, Rodrigo Albuquerque e Marcos Eustáquio. Cada um de vocês, na sua área de atuação, tem contribuído para que minha formação seja mais completa, mais interdisciplinar, mais intercultural e mais decolonial possível.

Agradeço ao professor Thiago Costa Chacon, orientador não apenas deste trabalho, mas de toda a minha trajetória na graduação. Sua orientação, suas sugestões, seu amplo conhecimento e seu exemplo têm sido de grande valor para minha formação como linguista.

Por fim, agradeço ao colaborador e pesquisador Albino Xiriana, a quem tive a honra de conhecer pessoalmente; e a Juanita Martinez, que tanto contribuiu para os dados desta pesquisa. ***A ela e ao povo Arutani eu não somente agradeço, mas dedico, sobretudo, esta obra.*** *Que este trabalho possa colaborar em alguma medida com a preservação e a documentação da história do povo Arutani e de sua língua.*

RESUMO

À luz da Linguística Histórica, do Método Comparativo e dos estudos do Contato Linguístico, o presente trabalho analisou a variação dialetal das variedades documentadas do Arutani. Também constituiu escopo deste trabalho investigar possíveis relações genéticas entre as línguas isoladas Arutani, Sapé e Máku faladas na região de fronteira entre o estado de Roraima e a Venezuela. Em relação ao primeiro objetivo, foram identificadas variações consistentes entre as variedades dialetais documentadas do Arutani. As variações foram observadas tanto no âmbito fonético-fonológico, quanto no âmbito lexical. No que tange ao segundo objetivo, não houve resultados conclusivos que confirmassem a relação genética entre as línguas, uma vez que a maior parte das semelhanças lexicais observadas são decorrentes de empréstimos, embora tenham sido identificadas algumas correspondências intrigantes entre palavras foneticamente semelhantes.

Palavras-chave: 1. Línguas isoladas. 2. Comparação lexical. 3. Linguística histórica. 4. Método Comparativo. 5. Variação dialetal.

ABSTRACT

Guided by Historical Linguistics, the Comparative Method and Language Contact studies, this essay analyzed the dialectal variation of Arutani. In addition, this work also investigated possible genetic relationships among linguistic isolates Arutani, Sapé and Máku, which are spoken in the border areas between Brazil (state of Roraima) and Venezuela. In relation to the first goal, this essay identified considerable variations between the dialectal varieties of Arutani. Those variations were observed as in phonological field, as in lexical field. In relation to the second objective, results were inconclusive, not proving genetic relationship among the linguistic isolates, since most of the observed lexical similarities are due to borrowings, although some intriguing sound correspondences were identified among phonetically similar words.

Key words: 1. Isolate languages. 2. Lexical comparison. 3. Historical Linguistics. 4. Comparative Method. 5. Dialectal variation.

SUMÁRIO

RESUMO		v
ABSTRACT		vi
1.	INTRODUÇÃO	1
1.1.	Breve resumo da história do povo Arutani	2
1.2.	Organização social e cultura material	5
1.3.	A língua Arutani	6
1.4.	Povos e língua Sapé	8
1.5.	O povo Máku	8
2.	REVISÃO DE LITERATURA	9
2.1.	A Linguística Histórico-comparativa	9
2.2.	Revisão de literatura: relações entre as línguas Arutani, Sapé e Máku	17
3.	METODOLOGIA	18
4.	COMPARAÇÃO ENTRE LISTAS DE PALAVRAS DO ARUTANI E VARIAÇÃO DIALETAL	20
5.	COMPARAÇÃO ENTRE LISTAS DE PALAVRAS DO ARUTANI, SAPÉ E MÁKU	23
5.1.	Identificação de empréstimos	25
5.2.	Hipótese de relação genética entre as línguas e proposta de reconstrução de proto-formas	26
5.3.	Síntese Comparativa	34
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
	REFERÊNCIAS	38

1. INTRODUÇÃO

A língua é uma das principais manifestações culturais de um povo e está intimamente relacionada a sua identidade. Entretanto, a língua Arutani (Glottocode: arut1244; ISO 639-3: atx), por muito tempo falada pelo povo de mesmo nome (MIGLIAZZA, 1967, p. 170), encontra-se atualmente ameaçada, uma vez que há apenas uma única falante nativa conhecida em território brasileiro (LABRADA *et al.*, 2020). Devido a limitações diversas, poucos estudos tipológicos sobre a língua foram desenvolvidos até a atualidade. Antes do século XIX, havia apenas uma única menção ao povo na literatura; e os primeiros estudos sobre a língua vão surgir já no século XX, na forma de listas lexicais.

A reviravolta em relação às oportunidades de estudos do Arutani começa em 2017, quando o linguista e pesquisador Thiago Costa Chacon é apresentado a Juanita Martinez, a última falante conhecida em território brasileiro. A partir daí, em função da urgência de documentação da língua, Chacon empreendeu três viagens a campo (em 2017, em 2019 e em 2020), e coletou mais de 52 horas de áudio e vídeo com a senhora Juanita (LABRADA *et al*., 2020, p. 174). Todo esse trabalho de coleta dos dados foi realizado com o apoio de Albino Xiriana, importante colaborador da pesquisa. Albino deu todo o suporte logístico e interacional para que o trabalho em campo fosse bem desenvolvido. Também participou das gravações como intérprete, uma vez que Juanita não fala português. Nesse contexto, o grupo de trabalho utilizava uma metodologia trilíngue: Chacon fazia as perguntas em português, Albino as traduzia para o Ninam, e Juanita dava sua resposta em Arutani.

A partir daí, a constituição desses *corpora* tem possibilitado estudos mais detalhados da língua sob diferentes perspectivas:

- lexicográfica (atualmente há um dicionário multimídia e interativo da língua, disponível de forma *online* (CHACON *et al.*, 2020));
- gramatical (recentemente eu próprio apresentei um trabalho de iniciação científica sobre os nomes e o sintagma nominal no Arutani (CABRAL, 2022));

- fonológica (na confecção de sua dissertação de mestrado, o pesquisador Gabriel Ferreira Barros vem investigando a Fonologia da língua);
- histórico-comparativa (como o trabalho apresentado por Thiago Chacon e Jorge Labrada no Congresso Amazônicas IX, que investigou a variação dialetal do Arutani (CHACON & LABRADA, 2023)).

O presente trabalho tem por objetivo duas linhas de pesquisa. Em primeiro lugar, pretende investigar as diferenças e semelhanças entre as listas lexicais dos dialetos do Arutani: Arutani e Awaké[1]. Em seguida, é também escopo deste trabalho investigar as relações entre o Arutani e as línguas Sapé e Máku, a fim de buscar compreender se as semelhanças existentes nessas línguas são devido a uma relação de contato entre elas, ou decorrentes de uma relação genética distante. A primeira seção apresenta um panorama introdutório geral sobre o povo e a língua. A segunda seção trata da revisão bibliográfica e é dividida em duas partes: a primeira traz um resumo sobre Linguística Histórica e o Método Comparativo; e a segunda indica os estudos de comparação lexical já realizados por outros pesquisadores. A terceira seção descreve de forma breve a metodologia da presente pesquisa. E a quarta e a quinta seções apresentam o trabalho de comparação lexical proposto neste trabalho. Por fim, partimos para as considerações finais.

1.1. Breve resumo da história do povo Arutani

O povo Arutani habitou por muitos anos a região compreendida entre os rios Parágua (Venezuela) e Uraricaá (Brasil) (MIGLIAZZA, 1967, p. 170). Tradicionalmente, têm sido reconhecidos pelos etnônimos *Arutani* (ou *Orotani*), *Awaké* (ou Aoaqui) e *Uruak*[2]. As primeiras informações sobre eles foram

[1] A exemplo dos pesquisadores Labrada *et al*. (2020), este trabalho se refere à língua Arutani como um termo guarda-chuva que engloba as variedades Arutani (falada do Parágua ao Uraricaá) e Awaké (falada outrora pelos grupos do rio Cauamé).

[2] De acordo com Migliazza (1978, p. 140), uma provável explicação etimológica para o nome Arutani é que ele decorreria dos termos em Yanomama *Uruak* e *Urutani*. Esses, por sua vez, seriam formados pela raiz {uru-} ou {urua-} (provavelmente nome de pessoa) e pelos sufixos {-k} (marca de plural) e {-tani} (que significa “os descendentes de”). Outro dado relevante é que Urutani é também o nome de uma montanha da região (idem, ibidem).

registradas em 1787 por uma comissão portuguesa dirigida pelo coronel Manoel da Gama Lobo d'Almada (MIGLIAZZA, 1972, *apud* COPPENS, 2008, p. 753-754). A comissão fazia menção aos "*Aoaqui*", que estariam situados na cabeceira do rio Cauamé, afluente do Rio Branco. Os estudos realizados ao longo dos séculos seguintes sugerem uma migração gradual do grupo rumo ao norte (KOCH-GRÜNBERG, 1917-1923, *apud* COPPENS, 2008, p. 756). Relatos posteriores ao da comissão de Almada situam o grupo às margens do Uraricaá, afluente do Uraricoera (SHOMBURGK, 1838, ARAÚJO, 1882, *apud* COPPENS, 2008, p. 756). E, anos mais tarde, tanto Koch-Grünberg (1917-1923, *apud* COPPENS, 2008, p. 756) quanto Armellada e Matallana (1942, p. 75) localizam o grupo na bacia do rio Parágua, já em território venezuelano. A fim de auxiliar a orientação do leitor, a figura 1 apresenta a localização aproximada das cabeceiras dos rios Cauamé, Uraricaá e Parágua.

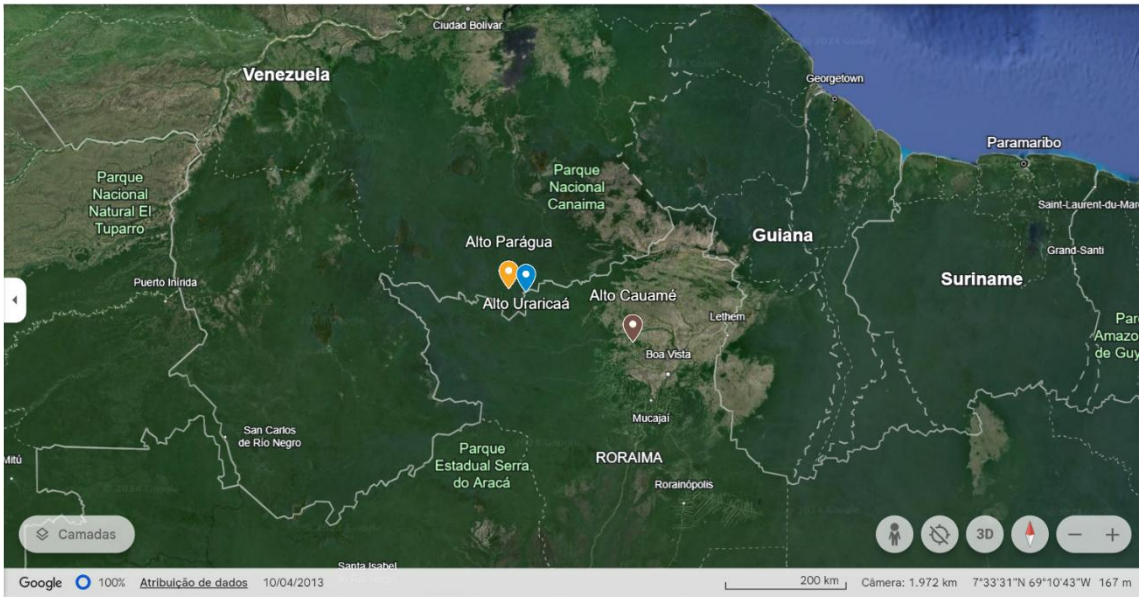

Figura 1: mapa político com a localização aproximada das cabeceiras dos rios Cauamé, Uraricaá e Parágua (autoria própria, com a utilização das páginas *My Maps* e *Google Earth* – créditos na imagem).

Paralelamente, todos os estudos realizados após o de Almada já indicavam uma população bastante reduzida. A comissão dirigida por López de Araújo (empreendida em 1882) afirma encontrar o último grupo remanescente do povo Awaké, que seria composto por apenas 18 integrantes (COPPENS, 2008, p. 757). Koch-Grünberg, anos mais tarde, também relata a existência de um único grupo composto por doze pessoas (idem, ibidem). Os missionários

Armellada e Matallana (1942, pp. 75 e 86), por sua vez, contabilizam duas comunidades Arutani, sendo uma com 11 pessoas (próximo ao Salto Maihia, no Rio Parágua), e outra com 20 (no Rio Mo-murán, afluente do Parágua). Para Coppens (2008, p. 757), no entanto, esse censo pode ter sido superestimado, uma vez que teria incluído indivíduos não Uruak casados com membros desse povo. Já Migliazza (1972, p. 21), em sua tese de doutorado, estimava que em 1964 já não havia mais do que 15 Uruak, todos bilíngues em Uruak e Ninam.

Uma possível explicação para a redução drástica na população Uruak é apresentada por Koch-Grünberg (1917-1923, *apud* COPPENS, 2008, p. 757). Segundo o autor, o povo Uruak teria entrado em confronto com o povo Marakaná no século XIX. Os poucos sobreviventes teriam sido salvos em virtude de sua associação estratégica ao povo Ninam, com os quais permanecem integrados até os dias atuais. Outro fator adicional provável para a diminuição populacional teria sido a disseminação de doenças contagiosas (COPPENS, 2008, p. 758). Armellada e Matallana (1942, *apud* COPPENS, 2008, p. 758) relataram a ocorrência de uma grave epidemia de sarampo em 1932, que teria atingido toda a região do Parágua e ocasionado a morte de muitos indivíduos Arutani e Sapé.

Um fato recente na literatura é a hipótese de que o etnônimo Awaké (ou Aoaqué) se refere na verdade a um grupo distinto do Arutani. Tradicionalmente, o termo Awaké vinha sendo utilizado como sinônimo de Arutani. Ernesto Migliazza afirma que

> “Os Awaké autodenominam-se [orotani], e contam que suas terras foram invadidas primeiro pelos Karib que eles chamam de Porokotó, e depois, quando estes retiraram-se para o médio Parágua, (onde são os atuais Arekuna), chegaram os Yanomami [...]” (MIGLIAZZA, 1967, p. 170)

Porém, de acordo com Juanita Martinez (CHACON & LABRADA, 2023, p. 14), havia pelo menos quatro grupos falantes de Arutani: os *Arutani*, que habitavam a cabeceira do rio Uraricaá; os *Awaké*, grupo extinto que falavam uma variedade diferente da dos Arutani, e que eram seus inimigos; os *Xinaroya*, que viviam em outra região mais distante; e os *Sa'si,* outro grupo extinto, e que apresentavam

o xibolete[3] *saʔˈsi* ao final das frases. De fato, os pesquisadores que utilizaram o etnônimo Awaké localizavam o grupo mais ao sul do rio Uraricoera, às margens do rio Cauamé (cf. COPPENS, 2008, pp. 753-754). Já aqueles que adotaram os etnônimos Arutani ou Uruak, falavam de grupos mais ao norte, na região compreendida entre o Alto Uraricaá e o Alto Parágua (MIGLIAZZA, 1967, p. 170).

1.2. Organização social e cultura material

Há poucos registros sobre a organização social e a cultura material próprias do povo Arutani, uma vez que os relatos mais detalhados de que dispomos foram realizados já após sua integração ao povo Ninam. Coppens (2008, p. 763 em diante) apresenta o léxico em Arutani relacionado a parentesco. Segundo o autor, os Arutani constituíam matrimônio com os povos Ninam, Sapé e Pemón. E o padrão de habitação pós-matrimonial aparentava ser do tipo uxorilocal[4] (idem, p. 765). A figura 2 apresenta o quadro de parentesco Arutani consanguíneo, a partir de um ego masculino.

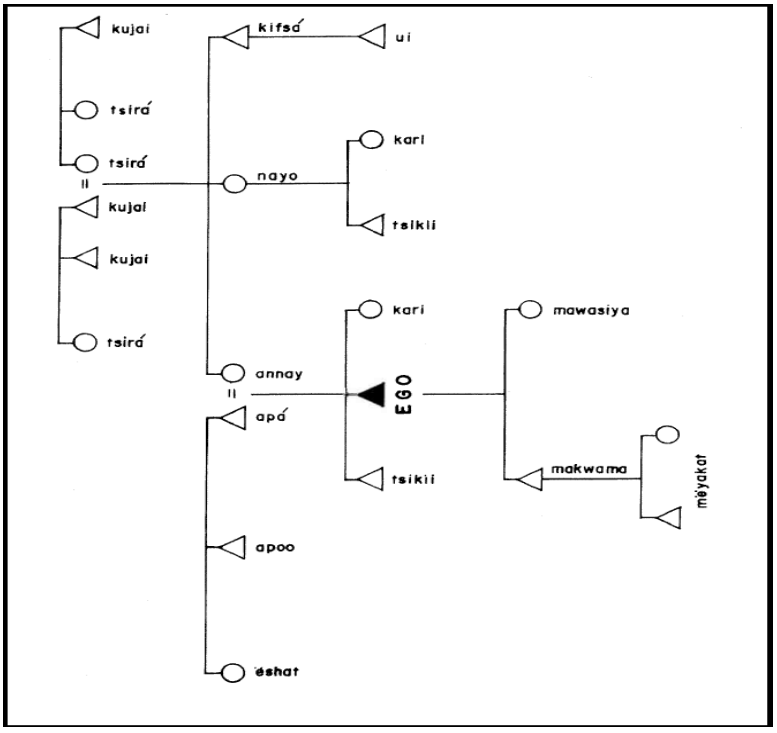

Figura 2: quadro de parentesco Arutani consanguíneo, ego masculino (COPPENS, 2008, p. 764).

[3] Xibolete (ou *shibboleth*) é o termo utilizado em Linguística para se referir a uma pronúncia característica de certas comunidades de fala, que identificam a variedade dialetal do falante.

[4] Uxorilocalidade é o termo da Antropologia que designa o tipo de união cujos cônjuges passam a residir na casa da mulher (ou na mesma família/povoação).

Quanto às práticas comerciais, Koch-Grünberg atesta que os Arutani faziam uma espécie de intermédio entre os Pemón do Parágua e os Ninam das cabeceiras do Parágua e Uraricaá (1917-1923, *apud* COPPENS, 2008, p. 767).

Coppens relata também alguns rituais relacionados ao nascimento, à puberdade e à morte, o que foi detalhado por seu informante, (COPPENS, 2008, p. 766). Também são citadas as narrativas do povo Arutani, que crê na existência de bons espíritos (os Mawari – que vivem acima do céu), e de espíritos maus, que vivem nas montanhas e cachoeiras. Dentre os espíritos bons, havia um ser superior chamado Uti, possivelmente o criador da terra e dos homens. (idem, p. 767).

Nessa mesma obra de 1983[5], Coppens (2008) já asseverava que os Arutani estavam a ponto de desaparecer como cultura única, uma vez que, já naquela época, o povo Arutani estava integrado ao povo Ninam de tal forma que não se podia mais distinguir quais manifestações culturais pertencia a cada povo.

1.3. A língua Arutani

A língua Arutani (Glottocode: arut1244, ISO 639-3: atx) é, até então, considerada isolada (única de sua família linguística) (LABRADA *et al.*, 2020). Segundo Migliazza, já na década de 60, o Arutani era falado por não mais do que 17 pessoas adultas (MIGLIAZZA, 1967, p. 171). Esse número foi reduzido para apenas cinco na década seguinte, de acordo com o próprio autor em trabalho posterior (MIGLIAZZA, 1978, p. 135).

Após fluxos migratórios do povo Ninam a essa região, as duas etnias passaram a se relacionar por meio de comércio, corresidência e casamentos inter-étnicos. A língua Ninam se tornou dominante, e o Arutani passou gradualmente a deixar de ser usado e transmitido para os descendentes dos antigos falantes dessa língua. Por conseguinte, as novas gerações de Arutani foram aos poucos se tornando bilíngues, e, posteriormente, falantes apenas de Ninam (MIGLIAZZA, 1967, p. 171). O cenário acima se assemelha bem ao fenômeno de deslocamento linguístico estudado por Freire (2003, pp. 157-162),

[5] Embora nossa referência seja uma edição revisada de 2008, a primeira edição da obra de Coppens é de 1983, cujos dados foram coletados junto ao povo Arutani (Uruak) no ano de 1970.

com a diferença que, no caso do povo Arutani, o monolinguismo não se deu em Língua Geral Amazônica, tampouco em língua portuguesa, mas em Ninam.

Há poucos estudos a respeito da língua Arutani até a atualidade. Apesar de haver relatos sobre o povo Awaké desde o século XVIII, as primeiras descrições da língua vão surgir apenas no século XX, por meio de listas lexicais elaboradas pelos autores Koch-Grünberg (1928), Armellada e Matallana (1942) e Migliazza (1972 e 1978). As primeiras descrições da língua só passam a ser possíveis após a constituição dos *corpora* produzidos por Thiago Chacon, conforme mencionado acima.

Em 2022, por meio de um projeto de iniciação científica, realizei uma análise preliminar do comportamento do sintagma nominal no Arutani. No trabalho, foi sinalizado que a língua possui um provável alinhamento Ergativo-Absolutivo[6]. Em consonância com essa hipótese, foram identificados os morfemas {-oka} para o caso ergativo e {-Ø} para o caso absolutivo (CABRAL, 2022). Gabriel Ferreira Barros, outro pesquisador também orientado por Thiago Chacon, tem pesquisado, em sua dissertação de mestrado, a fonologia do Arutani. Por meio de análises de fonética acústica, Barros tem investigado a fonética e a fonologia da língua, tanto de uma perspectiva acústica e articulatória, quanto segmental e suprassegmental.

Em relação aos estudos comparativos, em maio de 2023, Thiago Chacon e o pesquisador Jorge Labrada apresentaram seus estudos sobre a variação dialetal do Arutani no Congresso Amazônicas IX, em Bogotá. No trabalho, os pesquisadores compararam os dados dos doculetos de Koch-Grünberg, Coppens, Migliazza e Chacon. A partir daí, são formuladas três hipóteses de possíveis cenários de diversidade interna da língua: 1) Awaké seria o dialeto ancestral aos doculetos mais recentes do Arutani; 2) Arutani e Awaké são letos irmãos, descendentes de um leto ancestral em comum, o *proto-Arutani-Awaké*; e 3) a diversidade interna poderia ser ainda mais complexa, já tendo coexistido o Awaké, o Arutani do Uraricaá e o Arutani do Parágua (CHACON & LABRADA, 2023, p. 17).

[6] Numa língua do tipo ergativo-absolutivo, o agente dos verbos intransitivos comporta-se de maneira análoga ao paciente dos verbos transitivos (PAYNE, 2006, p. 218).

1.4. Povos e Língua Sapé

De acordo com Labrada e Medina (2019, p. 171), desde os primeiros trabalhos realizados por missionários e pesquisadores no início do século XX, o povo Sapé sempre foi retratado como um grupo bastante reduzido. Habitantes do Alto Parágua e de comunidades ao longo do Rio Karún (ambos em território venezuelano), o número de pessoas que se autodeclaravam Sapé foi sistematicamente decrescendo ao longo das décadas, devido a diversos fatores como conflitos com outros povos, epidemias e casamentos interétnicos (idem, ibidem).

A língua Sapé (ISO 639-3: spc) é também conhecida na literatura por Kaliana ou Kariana. Embora já tenha sido incluída no subgrupo Macro-Tukano da suposta família Ameríndia de Greenberg (1987, p. 93), ela é atualmente considerada uma língua isolada (LABRADA & MEDINA, 2019, p. 171). Como o Arutani, também carece de estudos mais detalhados de sua gramática. Há, contudo, algumas listas de palavras, como as organizadas pelos pesquisadores Koch-Grünberg (1928), Migliazza (1978) e Armellada e Matallana (1942).

Em processo semelhante ao que ocorreu com o povo Arutani, a proporção de membros Sapé que falavam a língua de mesmo nome também foi sendo reduzida ao passar dos anos. Em 2004, faleceu a última falante considerada fluente em Sapé, a Sra. Elena Lezama (MEDINA, 2008, *apud*, LABRADA & MEDINA, 2019, p. 171). Atualmente, a língua é considerada adormecida (LABRADA & MEDINA, 2019, p. 171).

1.5 O povo Máku

O povo Máku[7], segundo Migliazza (1978, p. 133), habitava as margens do Rio Uraricoera. De acordo com o informante do pesquisador, o grupo havia habitado antes disso as montanhas Maluwaka, situadas entre o Alto Padamo e o rio Cunucunuma, em território venezuelano. A migração rumo ao território brasileiro teria ocorrido em decorrência de conflitos com outros povos da região (idem, ibidem).

[7] É importante destacar que não se deve confundir os etnônimos Máku e Makú, este último tradicionalmente usado para designar o povo Naduhup.

Ainda de acordo com o autor, em 1964 havia apenas três falantes da língua Máku (ISO 639-3: xak). Em contrapartida, em comparação com as línguas Arutani e Sapé, a gramática do Máku parece ter sido a mais estudada no século XX, pelo menos no que tange às descrições fonético-fonólogicas. Migliazza (1978, p. 134) apresenta de forma bem detalhada a fonologia do Máku, incluindo explicações sobre fonemas, alofones e distribuições complementares. E recentemente, o pesquisador Chris Rogers, baseado sobretudo nos estudos e notas de campo de Ernesto Migliazza, publicou uma gramática da língua Máku (ROGERS, 2021). Atualmente, não há falantes conhecidos da língua (CHACON & LABRADA, 2023, p. 13).

2. REVISÃO DE LITERATURA

Como já mencionado acima, não há muitos estudos disponíveis sobre a língua Arutani. Dessa forma, torna-se um tanto desafiador investigar relações genéticas entre o Arutani e outras línguas, uma vez que um estudo comparativo robusto requer um paralelo mínimo entre aspectos gramaticais. Esta seção pretende contextualizar a pesquisa do presente trabalho com os conceitos básicos da Linguística Histórica e do Método Comparativo. Em seguida, são apresentados trabalhos já realizados por outros pesquisadores, e que já buscaram classificar o Arutani em alguma família linguística conhecida.

2.1. A Linguística Histórico-comparativa

A Linguística Histórica tem como objeto de estudo as mudanças das línguas naturais ao decorrer do tempo. Foi ela que, ao sistematizar o estudo de reconstrução do Proto-Indo-Europeu (PIE) no século XIX, serviu de sustentação para o estabelecimento da Linguística no rol das ciências humanas nos anos seguintes. O próprio Ferdinand de Saussure, considerado por muitos o pai da Linguística moderna, foi antes disso um reconhecido pesquisador dos estudos diacrônicos da família linguística indo-europeia. Revisitando os conceitos de Saussure (1916), a linguagem se manifesta por meio de quatro perspectivas dicotômicas: língua e fala; paradigma e sintagma; significado e significante; e sincronia e diacronia. Aos estudiosos da Linguística Histórica compete estudar a Linguística no seu recorte diacrônico. Ao explicar como as mudanças ocorrem nas línguas naturais, o estudo diacrônico termina por evidenciar características

próprias do funcionamento das línguas. Campbell, em seu livro sobre Linguística Histórica, afirma:

> "[...] Uma compreensão de como as línguas podem mudar permite ao estudante um melhor entendimento da linguagem em geral, de como as línguas funcionam, de como suas peças se encaixam, e, de maneira geral, um melhor entendimento do que faz as línguas operarem." (Campbell, 1999, p. 1, tradução nossa).[8]

Para Campbell, portanto, a Linguística Histórica, além de cumprir um papel histórico e social, cujos achados são utilizados para resolver problemas históricos da sociedade, coopera também para uma melhor compreensão do próprio funcionamento dos fenômenos linguísticos.

À Linguística Histórica cabe pesquisar as mudanças linguísticas, *i.e.*, *como* e *por que* as línguas mudam. Nessa conjuntura, a metodologia comparativa investiga relações genéticas e relações de contato entre duas ou mais línguas. E, no caso de línguas geneticamente relacionadas, ela permite realizar um trabalho de reconstrução da proto-língua[9] que teria originado as línguas em questão.

A seguir, trataremos dos seguintes temas estudados pela Linguística Histórica, pertinentes aos interesses deste trabalho: mudanças de som; relações de contato entre línguas e empréstimos; o Método Comparativo e a reconstrução linguística; classificação linguística; e a relação genética distante entre línguas.

2.1.1. Mudanças de som

As línguas mudam ao decorrer do tempo por meio de diversos fatores, sejam eles culturais, históricos, em função de contato com outras comunidades de fala, ou devido a outras inúmeras causas. Uma das mudanças principais de

[8] Texto original: "[…] a grasp of the ways in which languages can change provides the student with a much better understanding of language in general, of how languages work, how their pieces fit together, and in general what makes them tick."

[9] Uma proto-língua, segundo Campbell (1999, p. 108), é a língua ancestral em comum que originou línguas geneticamente relacionadas. O assunto será brevemente tratado na subseção 2.1.3.

uma língua é a mudança de seus sons. Campbell (1999, p. 16) afirma que a mudança de som talvez seja a área da Linguística Histórica mais estudada até então. Ela constitui uma peça importante no método comparativo, possibilitando aos linguistas identificarem relações genéticas e relações de contato entre as línguas. Não é a única nem a principal alteração que as línguas sofrem ao longo dos anos, porém a compreensão de como os sons de uma proto-língua foram alterados até resultar nas suas línguas-filhas permite ao linguista identificar os laços genéticos entre elas. Também possibilita detectar cognatos, muitas vezes nada óbvios, mas que obedecem aos padrões de mudança que sofreram suas línguas ancestrais[10].

As mudanças de sons podem ser classificadas: em *regulares* ou *esporádicas*; e em *condicionadas* ou *não condicionadas*. E podem ocorrer por meio de: *perda ou adição de fonemas*; *assimilação*; *dissimilação*; e *metátese*. Alguns casos comuns de mudanças de som são: a *deleção*; a *epêntese*; o *alongamento compensatório*; o *rotacismo* e o *lambdacismo*; a *metátese*; e a *haplologia*.

2.1.2. Relações de contato entre línguas e empréstimos

Quando duas ou mais comunidades linguísticas estabelecem relações de contato, ocorre o fenômeno denominado empréstimo. De acordo com Campbell,

> "O processo de empréstimo normalmente indica um certo grau de bilinguismo de alguns falantes tanto na língua que toma emprestado (por vezes denominada *recipiente*), quanto na língua que empresta (geralmente chamada *doadora*)." (Campbell, 1999, p.57, grifos do autor, tradução própria) [11]

Os empréstimos decorrem, portanto, não só do intercâmbio cultural entre duas comunidades linguísticas, mas também da influência linguística que uma exerce

[10] São cognatas as palavras pénte, cinq (/sɛ̃k/) e five ('cinco' em grego, francês e inglês), uma vez que todas as três descendem de */penkʷe/ em PIE.

[11] Texto original: "Borrowing normally implies a certain degree of bilingualism for at least some people in both the language which borrows (sometimes called the *recipient* language) and the language which is borrowed from (often called the *donor* language)."

em relação à outra. Em seu trabalho, Campbell aborda a temática dos empréstimos de forma a responder algumas questões, das quais vou destacar três: o que são os empréstimos; por que eles ocorrem; e quais são os métodos utilizados para atestar se uma palavra é ou não um empréstimo (e, se for, por qual língua ela foi fornecida).

Um empréstimo é:

> "[...] um item lexical tomado emprestado de uma outra língua, ou seja, é uma palavra que originalmente não fazia parte do vocabulário da língua recipiente, mas que foi adotada de uma outra e, a partir de então, passou a fazer parte do vocabulário de empréstimos da língua em questão." (Campbell, 1999, p. 58, tradução própria)[12]

Compreender o processo de empréstimo ajuda a esclarecer se certas semelhanças lexicais entre línguas provêm de uma relação genética entre elas, ou se foram acarretadas por contatos entre comunidades linguísticas diferentes. No presente trabalho, por exemplo, estudamos semelhanças compartilhadas entre o Arutani e outras línguas também consideradas isoladas (Sapé e Máku).

2.1.3. O Método Comparativo e a reconstrução linguística

O Método Comparativo é uma das estratégias da Linguística Histórica mais antigas e mais utilizadas até então. Jacob Grimm, Hermann Grassmann e Karl Verner são alguns dos linguistas mais célebres a utilizá-lo, e seus resultados possibilitaram a Reconstrução linguística do Proto-Indo-Europeu.

Antes de tudo, iniciemos com algumas conceituações básicas para contextualizar o tema. De acordo com Campbell:

> "Dizemos que línguas que pertencem à mesma família são *geneticamente relacionadas* entre si: isto significa dizer que essas línguas derivam (ou seja, "descendem") de uma única língua ancestral,

[12] Texto original: "A loanword is a lexical item (a word) which has been 'borrowed' from another language, a word which originally was not part of the vocabulary of the recipient language but was adopted from some other language and made part of the borrowing language's vocabulary."

> denominada *proto-língua*.” (Campbell, 1999, p. 108, grifos do autor, tradução própria)[13]

Dessarte, o método comparativo consiste em identificar possíveis relações genéticas entre duas ou mais línguas. Isso não se reduz apenas ao campo lexical, mas engloba também outros segmentos da linguagem, como aspectos morfossintáticos e fonológicos. No entanto, para fins práticos relacionados aos objetivos deste trabalho, vamos nos ater a como se compara o vocabulário de duas ou mais línguas, para chegar a uma língua ancestral em comum. Ainda de acordo com a obra de Campbell, o Método Comparativo segue sete passos para realizar a reconstrução linguística (CAMPBELL, 1999, pp. 112-132).

O primeiro passo consiste em identificar os possíveis cognatos. Nessa etapa, o linguista elenca itens lexicais semelhantes, tanto do ponto de vista da Fonética Articulatória, quanto da perspectiva semântica. Nem sempre os cognatos são óbvios, e nem sempre palavras parecidas com significados semelhantes são cognatas (*e. g.*, *Feuer* em alemão e *feu* em francês significam ambas “fogo”, são foneticamente semelhantes, mas não configuram cognatos, uma vez que a etimologia de cada uma dessas palavras é totalmente diversa da outra).

O passo 2 visa a estabelecer a correspondência entre os sons. Suponhamos que no nosso conjunto de cognatos, por exemplo, temos as palavras hipotéticas /pa/, /pə/ e /ba/, nas línguas hipotéticas 1, 2 e 3 respectivamente, todas descendentes da hipotética proto-língua 0 (zero). No exemplo acima, deduziríamos que /p/ nas línguas 1 e 2 corresponde a /b/ na língua 3, ao passo que /a/ nas línguas 1 e 3 corresponde a /ə/ na língua 2. Após uma análise atenta e criteriosa dos sons presentes nos cognatos, é possível estabelecer uma correspondência fidedigna entre os sons. Vale novamente ressaltar que nem sempre essas correspondências são óbvias. Além disso, morfemas gramaticais presentes em uma língua, se não forem devidamente

[13] Texto original: “We say that languages which belong to the same language family are *genetically related* to one another: this means that these related languages derive from (that is, 'descend' from) a single original language, called a *proto-language*.”

analisados, podem comprometer a pesquisa e, consequentemente, a correspondência entre os sons.

Já o terceiro passo objetiva reconstruir os proto-sons, isto é, os sons da proto-língua que teriam originado o conjunto de cognatos. Valendo-se novamente de nosso exemplo acima, uma possível reconstrução dos sons originais seriam */p/ e */a/, pois esses são os sons observados em maior número de exemplos. Essa estratégia é chamada de “a maioria vence” (CAMPBELL, 1999, p. 117), cuja decisão de adotá-la ou não deve ser tomada baseado em mais de um critério. Lembrando que a reconstrução proposta neste capítulo possui caráter meramente didático, uma vez que mais dados sobre as línguas são necessários para realizar as reconstruções. Ademais, os passos 5 e 6 servem para corroborar ou descartar as hipóteses do passo 3.

O quarto passo consiste em comparar diferentes conjuntos de correspondências de sons. Retomando nosso exemplo acima, sabemos que há uma correspondência entre /a/ das línguas 1 e 3 e /ə/ da língua 2 **no conjunto hipotético de cognatos apresentado**. Entretanto, em outro conjunto de cognatos poderiam aparecer outras vogais na língua 2 como sendo correspondentes a /a/ nas línguas 1 e 3. O que estaria provocando essa alteração na correspondência? O ambiente em que esses fonemas ocorrem? Outra origem em comum? Convergência de alguns sons na língua 1 e 3? Separação de fonemas na língua 2? As respostas para essas questões podem ser obtidas comparando-se os conjuntos de cognatos entre si.

Os passos 5 e 6 são semelhantes, e servem ambos para verificar a plausabilidade das reconstruções sugeridas no passo 3. O passo 5 avalia a coerência do inventário fonológico da proto-língua como um todo. Um inventário que incluísse as oclusivas desvozeadas /p/, /t/ e /k/, mas que apresentasse somente as oclusivas vozeadas /b/ e /g/ seria assimétrico. Tal proposta de reconstrução não seria considerada impossível, mas uma proposta alternativa que incluísse um inventário simétrico seria considerada mais plausível. Já o passo 6 compara o inventário fonológico com o que ocorre nas línguas do mundo. Um inventário que incluísse as oclusivas aspiradas /p^h/, /t^h/ e /k^h/, mas não incluísse suas correspondentes não aspiradas (/p/, /t/ e /k/) não seria

considerado plausível, uma vez que esse fenômeno é raramente observado nas línguas naturais.

Por último, é utilizado o passo 7. No último passo, os possíveis morfemas da proto-língua são reconstruídos individualmente. Para citar novamente nosso exemplo, caso nossa reconstrução do passo 3 fosse confirmada pelos passos seguintes (e não fosse necessário incluir nenhum outro segmento fonêmico específico), teríamos a reconstrução da palavra */pa/ na nossa proto-língua 0.

Por meio dos passos explicitados acima, o Método Comparativo permite aos linguistas históricos unirem mais evidências que confirmam ou descartam a relação genética entre línguas.

2.1.4. Classificação Linguística

A classificação linguística busca agrupar as línguas do mundo em famílias linguísticas, de acordo com seu grau de proximidade genética. Como exemplo, Awaké e Arutani seriam dialetos de uma mesma língua isolada ou seriam duas línguas diferentes de uma pequena família? E em relação às semelhanças entre Arutani e Sapé? Seriam elas geneticamente relacionadas? Antes de tentar responder a essas indagações, vamos entender o que definem esses termos da classificação linguística.

Em primeiro lugar, uma *família linguística* é um grupo de línguas geneticamente relacionadas, que compartilham um certo grau de parentesco por serem originadas de um mesmo ancestral em comum (Campbell, 1999, p. 165).

Língua, por sua vez, dentre outras características, designa uma entidade ou variedade linguística cujos falantes não são capazes de compreender falantes de outras variedades linguísticas, nem de serem compreendidos. É importante destacar que esse é um dos principais critérios a se observar, mas não o único, visto que nas comunidades multilíngues é difícil basear-se no critério da inteligibilidade mútua (idem, ibidem).

Os *dialetos* abrangem as variedades de uma mesma língua. Apesar de muitas das vezes apresentarem sensíveis diferenças estruturais e lexicais entre si, o falante de um dialeto é capaz de entender o falante do outro dialeto e vice-versa (mais uma vez o critério da inteligibilidade mútua) (idem, ibidem).

Por fim, um sub-grupo é uma subdivisão interna ao conceito de famílias linguísticas. Para que línguas sejam subdivididas em sub-grupos, é necessário que seja constatada uma inovação compartilhada entre algumas línguas da mesma família. Esta subclassificação permite aos linguistas apresentarem as famílias em esquema de árvores (idem, p. 166).

2.1.5. Relação Genética Distante entre línguas

Um forte debate existente no campo da Linguística Histórica diz respeito a supostas evidências genéticas que uniriam línguas bastante distantes em famílias bastante abrangentes. Alguns exemplos de relações remotas propostas são as das famílias linguísticas Ameríndia, Nostrática e Proto-world. Diante dos objetivos deste trabalho, a que mais nos interessa é a família Ameríndia, proposta por Joseph Greenberg. De acordo com Greenberg (1987), quase a totalidade das línguas indígenas faladas no continente americano (com poucas exceções) seriam descendentes de uma só língua em comum. Essa relação genética entre as línguas constituiria um só tronco linguístico: a superfamília Ameríndia. No entanto, segundo outros linguistas como Campbell (1988), a metodologia de Greenberg baseou-se numa amplitude de comparação lexical muito abrangente semanticamente.

Uma das metodologias mais básicas, e, ao mesmo tempo, mais utilizadas, consiste em comparar a base lexical das línguas investigadas. E, quanto a isso, é consenso entre os linguistas que palavras do vocabulário básico são as mais adequadas para servirem de comparação, uma vez que são menos suscetíveis a empréstimos, e são as mais sujeitas a mudanças ao longo do tempo, deixando mais evidências de como os sons foram se alterando através da história das línguas. Entretanto, vale a ressalva que ser menos suscetíveis a empréstimos não significa que o fenômeno nunca ocorra. Campbell enumera vários exemplos de palavras do vocabulário básico de diversas línguas que teriam sido originadas por empréstimos (1999, pp. 180-183).

A mais conhecida lista de vocabulário básico é a chamada Lista de Swadesh, (CAMPBELL, 1999, p. 178). A Lista de Swadesh, desenvolvida pelo linguista Morris Swadesh, é composta atualmente de 100 palavras. E, embora haja as ressalvas já listadas no parágrafo anterior, a lista é amplamente utilizada

pelos linguistas como forma de pontapé inicial para o estudo lexical de uma língua.

Ainda que encontrar palavras semelhantes entre as línguas não garanta que elas sejam geneticamente relacionadas, essa é uma etapa importante e imprescindível de preparação dos dados para o primeiro passo do Método Comparativo, que estudamos acima.

2.2. Revisão de literatura: relações entre as línguas Arutani, Sapé e Máku

Até a atualidade, a maior parte dos estudos têm considerado o Arutani uma língua isolada. Como veremos, há suspeitas de que estaria geneticamente relacionada à língua Sapé, mas ainda não há evidências robustas que comprovem essa hipótese, uma vez que carecemos de mais estudos tipológicos sobre a gramática de ambas as línguas. O que se têm até o momento são listas comparativas entre o léxico do Arutani com o de outras línguas. Em paralelo, recentemente os pesquisadores Thiago Costa Chacon, Jorge Labrada e Francia Medina, baseados nos relatos de Juanita Martinez, têm suspeitado que os etnônimos Awaké e Arutani, tratados tantas vezes por sinônimos, referem-se, na verdade, a grupos distintos. Esses grupos, por sua vez, falariam dialetos diferentes (como mencionado na Seção 1). Nessa linha, os autores sugerem utilizar o termo Arutani como um termo guarda-chuva para a língua, cuja variação dialetal apresentaria pelo menos dois dialetos: Arutani e Awaké (LABRADA *et al.*, 2020, p. 172).

Koch-Grünberg, em sua obra *Vom Roroima zum Orinoco* (1928), realiza um extenso trabalho de catalogação lexical de diversas línguas indígenas, dentre as quais destacamos o Ninam, o Awaké, o Sapé e o Máku. Para Koch-Grünberg, essas línguas são consideradas isoladas (idem, pp. 302-334). O autor divide suas listas de palavras nas seguintes categorias: a) partes do corpo; b) elementos da natureza; c) moradia; d) parentesco; e) medicina e religião; f) mamíferos; g) aves; h) peixes e répteis; i) pequena fauna; k) plantas; l) números; m) pronomes; n) adjetivos; o) cores; p) advérbios; e q) verbos.

Loukotka (1968) realizou um trabalho comparativo entre o léxico de várias línguas sul-americanas, inovando inclusive quanto à lista de vocabulário

básico. Diferentemente da lista de Swadesh, a lista de vocabulário básico de Loukotka é composta por 45 palavras. Muitas dessas encontramos na lista de Swadesh, ao passo que outras são inéditas, como *panela*, *machado* e *canoa* (Louktoka, 1968, p. 11). No entanto, no que se refere às línguas Awaké e Sapé, Loukotka (idem, p. 227) afirma apenas que ambas são isoladas.

Migliazza (1978), por sua vez, utiliza a lista de Swadesh para comparar as línguas Máku, Uruak e Sapé. No mesmo trabalho, o autor faz antes um breve resumo sobre cada povo e apresenta a fonologia das línguas. Ernesto Migliazza também já havia, anos antes, gravado listas de palavras mais extensas (disponíveis em áudio no *Archive of the Indigenous Languages of Latin America* – AILLA).

Já para John Greenberg (1987, p. 93), a língua Awaké pertence ao ramo Macro-Tukano, da super-família Ameríndia proposta pelo autor. Para Greenberg, Awaké, Sapé e Máku aparentam formar um subgrupo dentro do grupo Macro-Tukano.

Terrence Kaufman (1990, p. 50), por sua vez, adota as classificações de Greenberg da família Ameríndia, classificando o Awaké no grupo *Macro-Tukano*. De acordo com essa proposta, o Awaké e o Kaliána (Sapé) formariam juntos a pequena família linguística Awaké-Kaliána.

E, mais recentemente, Jolkesky (2016), em sua tese de doutorado *Estudo Arqueo-ecolinguístico das Terras Tropicais Sul-americanas*, compara o léxico do Arutani com o das línguas Máku, Sapé e Warao. A obra expõe um reduzido conjunto de semelhanças lexicais, o que impossibilita, segundo o próprio autor, estabelecer correspondências fonológicas entre as línguas. De acordo com Jolkesky, as semelhanças lexicais elencadas por ele teriam surgido a partir de contatos pré-históricos entre os ancestrais de seus falantes no Maciço das Guianas (JOLKESKY, 2016, pp. 540-542).

3. METODOLOGIA

O presente trabalho integra um projeto de pesquisa mais amplo, que consiste na documentação lexicográfica das línguas Arutani e Ninam. Nesse contexto, o pesquisador Thiago Chacon empreendeu três viagens a campo (em 2017, em 2019 e em 2020), e registrou mais de 52 horas de áudio e vídeo com

a senhora Juanita (LABRADA *et al*., 2020, p. 174), conforme já mencionado acima. Todo esse trabalho de coleta dos dados foi realizado com o apoio de Albino Xiriana, que participou das gravações como intérprete, possibilitando o registro das sentenças por meio de metodologia trilíngue: Chacon fazia as perguntas em português, Albino as traduzia para o Ninam e Juanita dava sua resposta em Arutani. Parte do material audiovisual produzido foi transcrito com o auxílio do *software* Elan (versão 6.4), e os novos lexemas descobertos foram adicionados ao dicionário multimídia, que vem sendo produzido por meio da plataforma FieldWorks Language Technology.

A partir do material produzido por meio da metodologia acima, Chacon comparou os dados dos *corpora* produzidos em suas pesquisas com as listas de palavras de Koch-Grünberg (1928), Armellada & Matallana (1942) e Migliazza (1978), com 297, 228 e 100 entradas em Arutani respectivamente. A partir dessas listas, Chacon organizou-as como doculetos em planilhas comparativas no *software* Microsoft Excel.

O presente trabalho analisou esses mesmos doculetos, além do dicionário multimídia do Arutani com base na fala de Juanita (CHACON *et al.*, 2020).

A análise dos dados foi dividida em duas partes. Na seção 4, embasado pelo trabalho de Chacon e Labrada (2023), foi examinada primeiramente a variação dialetal entre os diversos doculetos disponíveis da língua Arutani. Para isso, foram comparados os dados da variedade Awaké (KOCH-GRÜNBERG, 1928) com os doculetos das variedades Arutani (ou Uruak) (ARMELLADA & MATALLANA, 1942; MIGLIAZZA, 1978; CHACON *et al.*, 2020). Nessa seção, investigamos tanto variações fonético-fonológicas, quanto variações lexicais.

Na segunda parte da análise dos dados, na seção 5, procuramos por semelhanças lexicais entre as línguas Arutani, Sapé e Máku. Inicialmente, identificamos 26 palavras em Arutani que compartilham semelhanças fonéticas com Sapé e/ou Máku. Esses resultados foram comparados com listas de empréstimos encontradas nos trabalhos de Koch-Grünberg (1928) e Farias (2020). As comparações cujos dados não foram encontrados nas listas de empréstimos foram discutidas sob uma proposta de relação entre cognatos.

Nessa etapa, foi admitida *a priori* a hipótese de relação genética entre as três línguas. Assim, nessa perspectiva, foram estabelecidas correspondências entre os sons de cada comparação, de forma que pudessem ser sugeridas reconstruções de uma hipotética proto-língua. Ao final dessa análise, investigamos se as correspondências encontradas apresentavam regularidades consistentes.

4. COMPARAÇÃO ENTRE LISTAS DE PALAVRAS DO ARUTANI E VARIAÇÃO DIALETAL

Conforme mencionado no capítulo introdutório, este trabalho, a exemplo de Labrada *et al*. (2020), utiliza o etnônimo Arutani como o termo guarda-chuva para a língua, que, por sua vez, apresenta pelo menos duas variedades dialetais conhecidas: Arutani e Awaké. Antes de tudo, portanto, devemos distinguir os doculetos correspondentes a cada variedade. A lista de palavras elaborada por Koch-Grünberg (1928, pp. 308-313) é composta de dados coletados junto a uma população que se autodenominava Awaké. Por sua vez, as listas de Migliazza (1978) e de Coppens (1970, 1983, *apud* Chacon, 2020) correspondem a doculetos Uruak. E as listas de Chacon (2020) e de Armellada e Matallana (1942) constituem doculetos do Arutani. Nas tabelas 1, 2, 3 e 4, as referências estão indicadas na coluna **doculeto** de acordo com o seguinte esquema:

- **Awaké**, nas palavras extraídas do doculeto de Koch-Grünberg (1928);
- **Uruak_MG**, nas palavras extraídas do doculeto de Migliazza (1978);
- **Uruak_COP**, nas palavras extraídas do doculeto de Coppens (1970, 1983, *apud* Chacon, 2020);
- **Arutani_A&M**, nas palavras extraídas do doculeto de Armellada e Matallana (1942); e
- **Arutani_JM**, nas palavras extraídas do doculeto de Chacon (2020).

Nas correspondências entre os cognatos das variedades, percebemos variações fonéticas que são bastante recorrentes nas línguas do mundo, como:

mudanças vocálicas; vozeamento/desvozeamento de consoantes; apagamento de fonemas iniciais e/ou finais; e fusão de fonemas.

Na tabela 1, podemos notar uma correspondência entre <o> (do primeiro dado, referente à variedade Awaké), e <a> (referente às variedades Arutani).

Tabela 1: variações de <akohã> (autoria própria).

Doculeto	Lexema	Glosa	Correspondência	Reconstrução Proto-Arutani
Awaké	o.kõˈã	água	o : a	*akohã
Arutani_JM	a.koˈhã			
Uruak_COP	a.kuˈha			
Uruak_MG	a.koˈhã			
Arutani_A&M	a.kuˈha			

De acordo com Chacon e Labrada (2023, p. 34), a vogal */a/, em um suposto proto-Arutani, poderia ter sofrido posteriorização e elevação em sílabas átonas em Awaké. No caso do exemplo apresentado na tabela 1, a assimilação da vogal em questão com a vogal da sílaba seguinte pode ter colaborado com a ocorrência do fenômeno. Em relação à nasalidade, há de se observar que, nos dados da tabela 1 referentes aos doculetos de Coppens (1970) e de Armellada e Matallana (1942), não há registro de vogal nasal. No entanto, seria temerário afirmar que nas variedades pesquisadas por eles o lexema em questão não apresentasse vogal nasal, uma vez que ambos os autores não marcaram nasalidade em nenhuma vogal de suas listas. Portanto, há a possibilidade de que, em muitos desses exemplos (inclusive no apresentado acima), houvesse sim vogais nasais, mas que os autores não as tenham percebido.

Na tabela 2, comparamos o léxico correspondente a “alto”, registrado como *a.ʃaˈwi ~ a.ʒaˈwi*, em Awaké, e *ʃaˈwi*, em Arutani.

Tabela 2: variações de <xawi> (autoria própria).

Doculeto	Lexema	Glosa	Correspondências	Reconstrução Proto-Arutani
Awaké	a.ʃaˈwi	alto	ʒ : ʃ	*aʃaˈwi
Awaké	a.ʒaˈwi			
Arutani_JM	ʃaˈwi			

No exemplo da tabela 2, podemos notar a alternância no vozeamento entre as fricativas pós-alveolares em Awaké. Para o lexema apresentado acima, Koch-

Grünberg (1928, p. 312) registra as duas ocorrências. Chacon e Labrada (2023, pp. 35 e 36) também elencaram outros exemplos em que consoantes desvozeadas em Arutani correspondem a consoantes vozeadas em Awaké. A título de exemplo, a tabela 3 apresenta uma correspondência entre as oclusivas velares [g] e [k].

Tabela 3: variações de <nakiti> (autoria própria).

Doculeto	Lexema	Glosa	Correspondências	Reconstrução Proto-Arutani
Awaké	na.giˈti	rede	g : k	*na.kiˈti
Arutani_JM	na.kiˈti	banco		

No entanto, em quase todos os exemplos trabalhados pelos autores, as consoantes vozeadas estão inseridas em um ambiente intervocálico (V_V), o que tende a vozear naturalmente os sons. Logo, não se pode concluir que haveria um contraste entre as consoantes apresentadas nas tabelas 2 e 3 em Awaké, mas provavelmente um vozeamento causado apenas pelo ambiente.

Por fim, convém salientar que as variações entre o Awaké e o Arutani não ocorrem apenas no campo fonético-fonológico, mas também no âmbito lexical. Os pesquisadores Chacon e Labrada (2023, pp. 38-42) identificaram as seguintes variações lexicais entre os dois letos, apresentadas na tabela 4.

Tabela 4: exemplos de variação lexical entre os letos Awaké e Arutani – tabela de autoria própria, organizada a partir dos dados de Chacon e Labrada (2023, pp. 38-42)

Glosa	Variedade	Lexema	Doculeto
cunhado	Awaké	pajˈmi	Awaké
	Arutani	oˈʔi	Arutani_JM
	Arutani	uˈʔi	Arutani_A&M
sogra	Awaké	aˈʃa	Awaké
	Arutani	siˈɾa	Arutani_JM
	Uruak	tsiˈɾa	Uruak_COP
bicho-preguiça	Awaké	ʒa.hawˈkwa	Awaké
	Arutani	ko.ɾaˈmo	Arutani_JM
borboleta	Awaké	piˌʒa.piˈʒa	Awaké
	Arutani	oˈʃi aˈta	Arutani_JM

Embora haja variações entre as diversas listas da variedade Arutani, essas são mais tímidas quando comparadas aos dados da variedade Awaké. Esta seção conclui, portanto, que as comunidades de fala que se autodenominavam Arutani ou Uruak apresentam uma maior proximidade dialetal em relação àquelas autodenominadas Awaké.

5. COMPARAÇÃO ENTRE LISTAS DE PALAVRAS DO ARUTANI, SAPÉ E MÁKU

A partir da comparação das listas de palavras produzidas por Koch-Grünberg (1928), Armellada e Matallana (1942) e Migliazza (1978), identificamos 26 palavras em Arutani que compartilham semelhanças fonéticas com Sapé e/ou Máku. Comparamos também as listas com as entradas do dicionário multimídia disponibilizado por Chacon *et al*. (2020). Na tabela 5, organizamos os dados encontrados de acordo com os respectivos significados e fontes. Criamos um índice, para facilitar a retomada dos dados para os comentários. Os dados da coluna Awaké foram extraídos do trabalho de Koch-Grünberg (1928). Em relação às demais colunas (Arutani, Sapé e Máku), as fontes estão indicadas entre parênteses por meio das seguintes siglas, que acompanham cada palavra:

- **A&M** → Armellada e Matallana (1942);
- **COP** → Coppens (2008);
- **JM** (acrônimo para Juanita Martinez) → Chacon *et al.* (2020);
- **KG** → Koch-Grünberg (1928);
- **MG** → Migliazza (1978).

Os espaços cujos lexemas não compartilham semelhança fonética com o termo correspondente nas demais línguas estão sinalizados com “NS” (“não semelhante”). Já os espaços em que não havia dados no doculeto consultado para a língua em questão foram marcados com “NC” (nada consta). Por sua vez, os espaços marcados com “NA” (não se aplica) indicam que os vocábulos correspondentes àquelas lacunas não se aplicam à enumeração em questão.

Tabela 5: lista de palavras semelhantes do Arutani, Awaké, Sapé e Máku (tabela de autoria própria, baseada na referência citada).

Índice	Arutani	Awaké	Sapé	Máku	Glosa em português
1	ɾakopaˈsa (JM)	aɻakapʊˈsá	NC	ala:kabuˈdza (KG)	arma de fogo
2	atiˈhan (JM)	atiˈhen	ateˈhan (A&M)	NS	verde
3	asiˈta (JM)	aˈtsi	NS	naˈʧi (KG)	fezes
4	aˈtap (JM)	aˈtam	taˈpo (MG)	NS	lua
5	iˈka (JM)	NC	NS	iːˈsa (MG)	fígado
6	eˈmet (JM)	iˈmed	eˈne (A&M)	NS	casa
7	ikuˈja (JM)	ikuˈje	kuˈa (A&M)	NS	esposo
8	NC	kaɻaˈka	kaˈraka (KG)	NS	galinha
9	kamisaˈɲa (A&M)	kamiˈsa	kamiˈdʒa (KG)	kamiˈdʒa (KG)	tanga (Arutani) camisa (Sapé e Máku)
10	kanajˈmi (JM)	kanajˈmẽ	kanaˈimɨ (KG)	NC	canaimé
11	kẽa (JM)	NS	NS	ki (MG)	este (demonstrativo)
12	koˈaʔ (JM)	koˈa	kawˈku (A&M)	NS	nariz
13	kurataˈna (JM)	kuɻaːtaˈna	kɨˈtana (KG)	NS	banana
14	NS	kuɻubaˈɻa	NC	kuluˈbaːla (KG)	pó
15	koˈkap (JM)	NC	ku (MG)	kyːˈte (MG)	semente
16	kakwaˈti (JM)	kakoˈuti	NS	keːˈte (MG)	cabeça
17	makoˈsa (JM)	NC	makuˈsa (AM)	NC	agulha
18	manˈhã (JM)	manˈhan	ma (MG)	na (MG)	trazer / vir[14]
19	miˈsa (JM)	NC	mɨˈan (MG)	muˈʧi (MG)	carne
20	mo (JM)	mo	NS	aːˈmu (MG)	osso
21	NC	oaɻaːˈɻa	NC	uaˈlaːla (KG)	tracajá
22	NC	oɻopoˈno	toˈpono (KG)	luˈpuna (KG)	pato
23	piroˈto (JM)	piɻoːˈto	NC	piˈloto (KG)	chumbo (munição para armas de fogo)
24	taa (MG)	NC	NS	ða (MG)	deitar-se
25	toaˈri (JM)	toˈaɻi	to (MG)	dzoˈʔwi[15] (MG)	cão
26	NS	waɻiwaˈɻi	NC	waliˈwali (KG)	esteira

[14] Esse vocábulo em Arutani e em Awaké significam *trazer* (CHACON et al., 2020; KOCH-GRÜNBERG, 1928, p. 313), ao passo que, segundo Migliazza (1978, p. 137), em Uruak, Sapé e Máku o termo se refere ao verbo *vir*.

[15] Zamponi e Rogers (2023, p. 769) atribuem a forma *dzoˈʔwi* a um empréstimo oriundo de línguas Arawak (do Tariana *jáwi* ou do Baniwa *dzáwi*).

5.1. Identificação de empréstimos

Em posse das semelhanças identificadas na tabela 5, cruzamos esses dados com as listas de empréstimos de Koch-Grünberg (1928, pp. 324-331) e de Farias (2020, p. 7). Dentre elas, identificamos pelo menos onze semelhanças que já foram atribuídas a contato entre línguas. Além disso, conforme mencionado acima, Zamponi e Rogers (2023, p. 769) atribuem a forma *dzoˈʔwi* para cão em Máku a um empréstimo de línguas Arawak (do Tariana *jáwi* ou do Baniwa *dzáwi*). Diante dessas considerações, enumeramos na tabela 6 uma lista das palavras atribuídas a empréstimos:

Tabela 6: lexemas da tabela 5 citados na literatura como oriundos de empréstimos (tabela de autoria própria, baseada na referência citada).

Índice	Arutani	Awaké	Sapé	Máku	Origem	Fonte
1	ɾakopaˈsa (JM)	aɻakapʊˈsá	NC	ala:kabuˈdza (KG)	arcabuz (português ou espanhol)	Chacon & Labrada, 2023
8	NC	kaɻaˈka	kaˈraka (KG)	NS	kalaká (Purukotó)	Koch-Grünberg (1928)
9	kamisaˈɲa (A&M)	kamiˈsa	kamiˈdʒa (KG)	kamiˈdʒa (KG)	camisa (português)	Koch-Grünberg (1928)
10	kanajˈmi (JM)	kanajˈmẽ	kanaˈimɨ (KG)	NC	kanaimé (Taurepang)	Koch-Grünberg (1928)
13	kurataˈna (JM)	kuɻa:taˈna	kɨˈtana (KG)	NS	kura:tana (Taurepang)	Koch-Grünberg (1928)
14	NS	kuɻubaˈɻa	NC	kuluˈba:la (KG)	kulúpala (Arekuna)	Koch-Grünberg (1928)
17	makoˈsa (JM)	NC	makuˈsa (AM)	NC	makusa (Yekwana)	Farias (2020)
22	NC	oɻopoˈno	toˈpono (KG)	luˈpuna (KG)	lopo:no (Purukotó)	Koch-Grünberg (1928)
23	piroˈto (JM)	piɻo:ˈto	NC	piˈloto (KG)	piloto (Arekuna)	Koch-Grünberg (1928)
25	NA	NA	NA	dzoˈʔwi (MG)	jáwi (Tariana) ou dzáwi (Baniwa)	Zamponi & Rogers (2023)
26	NS	waɻiwaˈɻi	NC	waliˈwali (KG)	woliwoli (Wayumará)	Koch-Grünberg (1928)

Na tabela 6, listamos as palavras da tabela 5 que já foram sinalizadas na literatura como sendo empréstimos de outras línguas. Na coluna mais à direita, está indicada a fonte que realizou tal identificação. Repare que os termos

elencados não pertencem ao rol de vocabulário básico. Além disso, essas palavras apresentam bastante recorrência nas línguas Karib e Arawak (cf. Koch-Grünberg, 1928, pp. 324-331).

5.2. Hipótese de relação genética entre as línguas e proposta de reconstrução de proto-formas

Gostaríamos de destacar da tabela 5 as comparações 2, 3, 4, 7, 11, 15, 16, 18, 19, 20, 24 e 25. Nesses exemplos, as línguas parecem compartilhar palavras ou morfemas de origem comum, com algumas adaptações às respectivas fonologias. Para seguir um roteiro de investigação sobre uma possível relação genética entre as línguas, assumiremos *a priori* que essas palavras possuem uma origem em comum. Com base nisso, proporemos hipóteses de correspondências, de reconstruções e de mudanças dos sons.

5.2.1. Comparação nº 2: *atiˈhan*

Em primeiro lugar, na comparação nº 2 da tabela 5, podemos notar uma correspondência fone a fone, uma vez que a quantidade de segmentos fonéticos coincide nos dados. Dessa forma, temos as correspondências apresentadas na tabela 7:

Tabela 7: comparação e reconstrução de <atihan> (autoria própria).

Arutani	a	t	i	h	a	n
Awaké	a	t	i	h	e	n
Sapé	a	t	e	h	a	n
Proto-Forma	a	t	i	h	a	n

Propomos a reconstrução **atihan*, seguindo em todos os segmentos a estratégia “a maioria vence” (cf. CAMPBELL, 1999, p. 117). De acordo com essa proposta, a vogal anterior alta [i] teria se rebaixado em Sapé por assimilação com a vogal tônica. Por sua vez, a vogal baixa [a] da sílaba tônica teria se elevado em Awaké, também por assimilação à sílaba anterior.

Vale salientar que, uma vez que é um termo para cor, a palavra analisada é bastante suscetível a empréstimo.

5.2.2. Comparação nº 3: *asiˈta*

A comparação nº 3 da tabela 5 evidencia uma correspondência fone a fone um pouco mais complexa do que a do exemplo anterior. Neste caso, o Arutani apresenta uma sílaba final sem correspondente em Sapé e em Máku, ao passo que a palavra em Máku apresenta um segmento consonantal diverso no ataque da primeira sílaba. Diante dessas reflexões, estabelecemos as correspondências e hipóteses de reconstruções organizadas na tabela 8:

Tabela 8: comparação e reconstrução de <asita> (autoria própria).

Arutani	-	a	s	i	t	a
Sapé	-	a	ts	i	-	-
Máku	n	a	ts	i	-	-
Proto-Forma	-	a	ts	i	-	-

O acréscimo de uma sílaba final à palavra do Arutani de Juanita seria um fenômeno inovador, uma vez que nos demais doculetos do Arutani-Awaké não consta esse segmento. Sabe-se, entretanto, que o Arutani dispõe do morfema gramatical {-ta}, que aparentemente marca o caso locativo (CHACON *et al.*, 2020). Uma hipótese possível, portanto, é que tal sufixo teria se incorporado ao morfema lexical, formando a base <asita> no Arutani de Juanita.

Outro fenômeno observado em Arutani, de acordo com essa reconstrução, é a desafricação da consoante *ts > s. Em Máku, por sua vez, teria ocorrido o processo de palatização, uma vez que, devido às propriedades fonológicas da língua, o fonema /ts/ é realizado foneticamente como [tʃ] antes de vogais anteriores (MIGLIAZZA, 1978, p. 134).

Quanto à presença da consoante inicial em Máku, sugerimos que essa seja numa inovação dessa língua. Dessa forma, propomos a reconstrução **aˈtsi*.

5.2.3. Comparação nº 4: *aˈtap*

Em relação à comparação nº 4 da tabela 5, comecemos com a informação de que, em nossas referências, não encontramos ocorrências de oclusivas em posição de coda silábica na língua Sapé. Logo, a vogal observada

após [p] no Sapé poderia consistir numa adaptação ao padrão silábico aparentemente CV da língua.

Quanto à correspondência “[p] : [m]”, sabe-se que, em posição de coda, [m] aparenta ser alofone de /p/ no Arutani[16]. Seguindo esse raciocínio, a ocorrência da consoante nasal [m] nesse mesmo ambiente poderia não ser fonêmica também no Awaké. Diante dessas evidências, estabelecemos as seguintes correspondências, organizadas na tabela 9:

Tabela 9: comparação e reconstrução de <atap> (autoria própria).

Arutani	a	t	a	p	-
Awaké	a	t	a	m	-
Sapé	-	t	a	p	o
Proto-Forma	a	t	a	p	-

Dessa forma, sugerimos a reconstrução da proto-forma **aˈtap* para a palavra em questão.

5.2.4. Comparação nº 7: *ikuˈja*

Quanto à comparação nº 7 da tabela 5, estabelecemos as correspondências organizadas na tabela 10:

Tabela 10: comparação e reconstrução de <ikuya> (autoria própria).

Arutani	i	k	u	j	a
Awaké	i	k	u	j	a
Sapé	-	k	u	-	a
Proto-Forma	i	k	u	-	a

Seria plausível a reconstrução da proto-forma **ikuˈa*, a partir da qual o Arutani teria acrescentado o *glide* entre as vogais orais [u] e [a] e o Sapé teria perdido a vogal inicial. Entretanto, também seria possível sugerir a reconstrução

[16]Conforme notamos pelo uso do grafema <p> em comparação com as transcrições fonéticas disponíveis no dicionário multimídia de Arutani (Chacon *et al.*, 2020).

**kuˈa* e deduzir que a vogal [i] no início da palavra teria sido uma inovação de um suposto Proto-Arutani.

Observe que, no contexto de intercasamentos entre os povos Arutani e Sapé, esse é um termo bastante suscetível para empréstimo.

5.2.5. Comparação nº 11: *kẽa*

Na tabela 11, organizamos as correspondências sugeridas para a comparação número 11:

Tabela 11: comparação e reconstrução de <kẽa> (autoria própria).

Arutani	k	ẽ	a
Máku	k	i	-
Proto-Forma	k	i	-

O doculeto Uruak (MIGLIAZZA,1978, p. 136) traz a palavra kiʔa, o que reforça a semelhança com o Máku, e que, tanto a nasalização, quanto a vogal final no Arutani seria uma inovação. Outro dado relevante a ser citado, é que o Arutani dispõe do morfema {ki-} como marca de terceira pessoa (CHACON *et al*., 2020). Uma vez que a palavra *kẽa* em Arutani é o demonstrativo dessa língua, também seria plausível deduzir de que esse lexema poderia ter se formado a partir da lexicalização do morfema gramatical em questão.

Entretanto, essas são possibilidades a serem investigadas em futuras pesquisas. Por ora, seguindo a hipótese de que as palavras nas duas línguas formam um conjunto de cognatos, sugerimos a reconstrução **ki.*

5.2.6. Comparação nº 15: *koˈkap*

Ao observar esse conjunto de cognatos (comparação número 15), notamos uma semelhança bastante evidente na primeira sílaba das palavras. Já os segmentos subsequentes (*-kap* em Arutani e *-te* em Máku) não foram considerados semelhantes entre si. Nesta conjuntura, organizamos as correspondências e a reconstrução da proto-forma de **ku* conforme demonstrado na tabela 12:

Tabela 12: comparação e reconstrução de <kokap> (autoria própria).

Arutani	k	o	*(kap)*
Sapé	k	u	-
Máku	k	y:	*(te)*
Proto-Forma	k	u	-

Diante desses dados, seria possível que **ku* tivesse originado a palavra nas três línguas, tendo a vogal se anteriorizado em Máku por assimilação articulatória com a consoante subsequente. Quanto às sílabas finais das formas em Arutani e em Máku, optamos por excluí-los da reconstrução, uma vez que suspeitamos que possam se tratar de morfemas formativos nessas línguas.

Vale salientar que o Arutani tem a palavra *kokama* para filhote, onde se sugere que {ko-} se combinaria com {-kap} para plantas e com {-kama} para animais.

5.2.7. Comparação nº 16: *kakwaˈti*

Na comparação nº 16, devemos primeiramente isolar a primeira sílaba do Arutani e do Awaké, o que pode ser uma inovação frente às demais línguas. No doculeto Uruak (MIGLIAZZA, 1978), por exemplo, a palavra para “cabeça” é kwaˈte. Logo, temos as seguintes correspondências, sintetizadas na tabela 13:

Tabela 13: comparação e reconstrução de <kakwati> (autoria própria).

Arutani	k	a	k	wa	t	i
Awaké	k	a	k	ou	t	i
Máku	-	-	k	e:	t	e
Proto-Forma	-	-	k	oe	t	e

De acordo com essas correspondências, seria possível a reconstrução **koeˈte*. A palavra teria se adaptado ao padrão prosódico do Arutani, e o encontro vocálico teria se tornado uma vogal longa em Máku.[17]

5.2.8. Comparação nº 18: *manˈhã*

Comparando *manˈhã* com seu correspondente nas demais línguas, podemos deduzir que a forma do Arutani é a mais conservadora, visto que encontramos nela segmentos presentes nas demais. Na tabela 14, organizamos as correspondências entre os sons e a reconstrução da proto-forma.

Tabela 14: comparação e reconstrução de <manhã> (autoria própria).

Arutani	m	a	n	h	ã
Awaké	m	a	n	h	an
Sapé	m	a	-	-	-
Máku	-	-	n	-	a
Proto-Forma	m	a	n	-	a

Sugerimos *maˈna* como a proto-forma que teria originado o lexema nas línguas em questão. De acordo com essa reconstrução, o Sapé teria conservado a primeira sílaba, ao passo que o Máku teria conservado a segunda. O Arutani e o Awaké teriam conservado todos os segmentos da proto-forma. Por outro lado, estas últimas teriam inovado com a inserção da fricativa *h* no ataque da segunda sílaba. Não estão claros os fatores que teriam contribuído para esse incremento consonantal. Vale salientar, no entanto, que, no doculeto Uruak (MIGLIAZZA, 1978, p. 137), a forma apresentada é *maˈna*, o que poderia reforçar a plausabilidade da hipótese.

5.2.9. Comparação nº 19: *miˈsa*

De acordo com Migliazza (1978, p. 134), [tʃ] é alofone de /ts/ em Máku, conforme mencionado acima. Logo, para a comparação nº 19 sugerimos as seguintes correspondências, apresentadas na tabela 15:

[17] Um dado relevante a ser mencionado é que {ka-} é também o morfema gramatical de posse de segunda pessoa do singular no Arutani, para os nomes cuja posse é obrigatória. Essa construção pode ter influenciado a formação do morfema lexical em questão.

Tabela 15: comparação e reconstrução de <misa> (autoria própria).

Arutani	m	i	s	a	-
Sapé	m	ɨ	-	a	n
Máku	m	u	ts	i	-
Proto-Forma	m	ɨ	ts	a	-

Neste contexto, sugerimos a reconstrução da proto-forma **mɨˈtsa*. A central alta teria se anteriorizado em Arutani e se posteriorizado em Máku. Já a consoante africada teria sofrido um processo de desafricação no Arutani de Juanita e de deleção em Sapé (a saber, no doculeto Uruak de Migliazza (1978), a africada se mantém em *miˈtsa*). E em Máku a vogal final teria se elevado por assimilação com a vogal anterior (*muˈtʃi*). O maior desafio dessa reconstrução seria explicar o que teria condicionado a perda da consoante africada em Sapé. Uma possível explicação seria a ocorrência de enfraquecimento articulatório entre as vogais até o completo desaparecimento do segmento consonantal (**ts* > *s* > *h* > Ø). Entretanto, não dispomos de dados suficientes que sustentem essa hipótese, sendo essa interpretação meramente especulativa.

5.2.10. Comparação nº 20: *mo*

Os dados da comparação nº 20 coincidem quase que completamente entre as línguas. A única diferença entre as correspondências é Ø para a:, do Arutani e Awaké para o Máku. As correspondências entre os sons estão organizadas na tabela 16.

Tabela 16: comparação e reconstrução de <mo> (autoria própria).

Arutani	-	m	o
Awaké	-	m	o
Máku	a:	m	u
Proto-Forma	a	m	o

De acordo com essa reconstrução, houve perda da sílaba inicial nas variedades do Arutani, ao passo que a mesma vogal teria se alongado em Máku para respeitar os padrões fonológicos da língua. Também vale ressaltar que, de

acordo com Migliazza (1978, p. 135), o vocoide médio [o] não é fonêmico em Máku, sendo um alofone de /u/. Portanto, diante dessas reflexões, sugerimos a proto-forma **aˈmo*.

5.2.11. Comparação nº 24: *taa*

De acordo com Migliazza (1978, p. 134), o fone [ð] em Máku é alofone de /d/, ocorrendo sempre antes de [a]. Isso nos leva a estabelecer as seguintes correspondências, apresentadas na tabela 17:

Tabela 17: comparação e reconstrução de <taa> (autoria própria).

Arutani	t	a	a
Máku	d	a	-
Proto-Forma	d	a:	-

Uma vez que não há contraste entre [d] e [t] em Arutani, seria mais provável a mudança **d* > *t*, do que o contrário. Em relação ao segmento vocálico, uma vogal longa poderia ter se duplicado em Arutani, já que a língua não distingue vogais longas de breves, ao passo que teria se tornado breve em Máku. Uma reconstrução possível seria a proto-forma **da:*.

5.2.12. Comparação nº 25: *toaˈri*

Para a comparação nº 25, consideramos antes de tudo que, segundo Zamponi e Rogers (2023, p. 769), a forma *dzoˈʔwi* em Máku consiste num empréstimo de línguas Arawak (do Tariana *jáwi* ou do Baniwa *dzáwi*). Por conseguinte, optamos por excluí-la da comparação em que se busca pesquisar correspondências de possíveis cognatos. Dessa forma, estabelecemos as correspondências entre as variedades do Arutani e o Sapé e as apresentamos na tabela 18:

Tabela 18: comparação e reconstrução de <toari> (autoria própria).

Arutani	t	o	a	ɾ	i
Awaké	t	o	a	ɻ	i
Sapé	t	o	-	-	-
Proto-Forma	t	o	a	ɾ~ɻ	i

De acordo com as correspondências elencadas na tabela 18, podemos notar uma correspondência de som a som entre as variedades do Arutani. Já a forma em Sapé teria mantido apenas a primeira sílaba da palavra. Portanto, sugerimos como possíveis as reconstruções **toaˈri* e **toaˈɻi*.

5.3. Síntese Comparativa

A fim de dar prosseguimento ao estudo comparativo, procuramos estabelecer uma correspondência entre os sons das línguas investigadas. Essa tarefa busca investigar se há regularidade nas correspondências fonológicas estabelecidas, de modo a embasar ou não uma possível relação genética distante. Na tabela 19, sintetizamos as correspondências regulares de sons encontrados.

Tabela 19: síntese das correspondências regulares de sons (autoria própria).

Proto-som	Arutani	Awaké	Máku	Sapé
*p	p	p	p	p
*t	t	t	ts	t
*k	k	k	k	k
*d	t	t	d	t
*m	m	m	m	m
*n	n	n	n	n
*ts	s	ts	ts	ts
*h	h	h	h	h
*a	a	a	a	a
*ɨ	i	i	u	ɨ
*o	o	o	u	o
*u	u	u	u	u

Durante as comparações, realizamos as devidas adequações fonológicas para cada língua em questão. Por conseguinte, a tabela 19 não apresenta o contexto em que cada som é realizado (por exemplo, [tʃ] é alofone de /ts/ em Máku e, sendo assim, não aparece na síntese).

Além das correspondências elencadas na tabela 19, observamos outras que não parecem seguir a regularidade sintetizada acima. Como exemplo, no caso da palavra correspondente a *semente* (*kokap* em Arutani, *ky:te* em Máku), vemos uma correspondência inusitada: como vimos na subseção 5.2.6, o proto-som *u teria sofrido o processo de anteriorização em Máku, fenômeno que supomos ter sido ocasionado por assimilação ao ambiente.

Também vale salientar a correspondência observada na subseção 5.2.7, na qual a proto-forma apresenta um ditongo. É interessante observar que, segundo nossa reconstrução, o proto-som teria formado novos ditongos em Arutani e em Awaké, ao passo que teria evoluído para uma vogal longa em Máku. Essa reconstrução também se justifica pelo fato de que o Arutani não faz distinções entre vogais longas e breves.

Em relação às perdas de segmentos e sílabas, os dados estudados não aparentam indicar um padrão regular. Enquanto em algumas palavras a vogal inicial teria desaparecido em Sapé (*vide* subseção 5.2.4, onde *i > Ø), em outras ela teria sido mantida (*vide* subseções 5.2.1, 5.2.2, 5.2.3, onde *a > a). Da mesma forma, de acordo com nossas reconstruções, o Arutani teria mantido alguns segmentos iniciais (*vide* subseções 5.2.1, 5.2.2, 5.2.3, onde *a > a), enquanto teria havido deleção de outros (*vide* subseção 5.2.10, onde *a > Ø).

Em resumo, diante do cenário apresentado até o momento em nossa pesquisa, não fica comprovada a relação genética entre as línguas pelos seguintes motivos: 1) não foi identificada uma regularidade clara entre as correspondências fonológicas propostas; e, 2) ainda que tivesse sido identificada tal regularidade, a lista de palavras semelhantes identificadas foi demasiadamente diminuta, apesar das vastas listas de palavras utilizadas em nossas pesquisas. Além disso, conforme já mencionado, as línguas Arutani e Sapé ainda carecem de descrição gramatical para que sejam realizados estudos mais robustos de relação genética.

Por outro lado, ainda que as línguas não sejam geneticamente relacionadas, concluímos que ainda é possível haver relação etimológica das seguintes palavras: *asita* (fezes), *atap* (lua), *ikuya* (esposo), *kẽa* (demonstrativo), *kokap* (semente), *-kakwati* (morfema lexical para cabeça), *mo* (osso), *taa* (deitar-se) e *toari* (cão). Pois, conforme mencionado nas seções anteriores, tais semelhanças podem indicar contato entre as populações ancestrais dos povos Arutani, Sapé e Máku, como já sugerido por Jolkesky (2016, pp. 540-542).

Outra hipótese a ser investigada é se a região da Guiana Ocidental (na qual se localizam os povos aqui estudados) constitui uma área linguística. De acordo com Campbell (2010, pp. 25-26), uma área linguística (ou *Sprachbund*) se caracteriza por uma região onde as línguas ali faladas compartilham aspectos estruturais como resultado de empréstimos e propagações, e não devido à herança. Dessa forma, uma relação areal entre as línguas poderia acarretar semelhanças também em âmbito gramatical. Uma vindoura descrição mais detalhada da gramática do Arutani poderia ajudar a elucidar tais dúvidas, uma vez que poderia ser comparada às gramáticas já descritas do Máku e das demais línguas da região.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram perseguidos ao decorrer do presente trabalho os seguintes objetivos: analisar a variação dialetal da língua Arutani; e investigar uma possível relação genética entre as línguas Arutani, Sapé e Máku. Para isso, revisitamos os conceitos básicos de Linguística Histórica, a fim de guiar a pesquisa à luz do Método Comparativo. Também foram apresentados os dados etnográficos conjunturais pertinentes a esta pesquisa.

Quanto ao primeiro objetivo, foi possível concluir que, em consonância com os relatos da Sra. Juanita, a variedade dos Awaké se diferencia mais do Arutani do que sugeria a literatura tradicional. Dessa forma, a pesquisa demonstra que segue em aberto a possibilidade de ambas constituírem mais do que apenas dialetos de uma mesma língua, podendo ser, na verdade, duas línguas distintas de uma mesma família linguística.

Em relação ao segundo objetivo, apesar da considerável extensão das listas analisadas, identificamos um escasso número de palavras semelhantes entre as três línguas, o que não permitiu que fosse provada a hipótese do relacionamento genético. Entretanto, com os dados elencados, este trabalho pôde estabelecer uma regularidade de correspondência entre alguns sons, o que pode consistir em passos iniciais de investigação de uma relação genética distante ou areal entre as línguas. Para que isso seja possível, trabalhos futuros devem analisar de maneira mais minuciosa alguns dados dos quais já dispomos, como listas de palavras do Sapé e do Máku não utilizadas neste trabalho e comparar formas e aspectos gramaticais das três línguas (morfemas, alinhamento sintático, ordem dos constituintes, tipos de posse, dentre outros).

REFERÊNCIAS

ARMELLADA, Cesareo de; MATALLANA, Baltasar de. Exploración del Paragua. **Boletín de la Sociedad Venezolana de ciencias naturales**, v. 8, n. 53, 1942.

CABRAL, Diego. **Nomes e o sintagma nominal em Arutani.** Relatório final de Programa de Iniciação Científica da Universidade de Brasília. Brasília, 2022.

CAMPBELL, Lyle. **Historical linguistics: an introduction**. Edinburgh University Press, 1999.

CAMPBELL, Lyle. Language isolates and their history, or, what's weird, anyway?. *In*: **Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society**. 2010. p. 16-31.

CAMPBELL, Lyle. (1988). **Review of Language in America (by Joseph H. Greenberg).** 64. 591-615.

CHACON, Thiago Costa. **Doculetos do Arutani.** Planilhas comparativas. 2020.

CHACON, Thiago Costa. (compilador), LABRADA, Jorge E. Rosés. (tradutor), MARTINEZ, Juanita (pesquisadora), XIRIANA, Albino (pesquisador), SOARES, Gabriel Farias. (pesquisador). (2020). **Dicionário Multimídia Arutani-Ninam (Português-Inglês-Espanhol).** Versão 1.0. Rio de Janeiro: PRODOCLIN/Museu do Índio, 2020. Disponível em: <https://japiim.museudoindio.gov.br/dic/arutani/>. Acesso em: 25 de novembro de 2023.

CHACON, Thiago C.; LABRADA, Jorge E. R. **How isolate can a language be? The case of Arutani from Northeast Amazonia.** Amazônicas IX, 9-05-2023, Universidad de los Andes, Bogotá.

COPPENS, Walter. **Los aborígenes de Venezuela: segunda edición actualizada**. Caracas: Fundación la Salle de Ciencias Naturales. Instituto Caribe de Antropología y Sociología, 2008.

FARIAS, Gabriel Soares. **Construção do Dicionário Arutani-Ninam: nomes de parentesco, organização social e objetos da vida cultural.** Relatório final de Programa de Iniciação Científica da Universidade de Brasília. Brasília, 2020.

FREIRE, José Ribamar Bessa. **Da língua geral ao português: para uma história dos usos sociais das línguas na Amazônia.** Rio de Janeiro: UERJ, 2003.

GABAS Jr, Nilson. Lingüística histórica. *In*: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (organizadoras). **Introdução à Lingüística: Domínios e Fronteiras 1.** Cortez Editora, 2000.

GREENBERG, Joseph Harold. **Language in the Americas**. Stanford University Press, 1987.

JOLKESKY, Marcelo Pinho de Valhery. **Estudo arqueo-ecolinguístico das terras tropicais sul-americanas**. Tese de doutorado. Universidade de Brasília. Brasília, 2016.

LABRADA, Jorge Emilio Rosés; CHACON, Thiago Costa; MEDINA, Francia. Arutani (Venezuela and Brazil)–Language Snapshot. **Language Documentation and Description**, v. 17, p. 170-177, 2020.

LABRADA, Jorge Emilio Rosés; MEDINA, Francia. Sapé (Venezuela)--Language Snapshot. **Language Documentation and Description**, v. 16, p. 169-175, 2019.

LOUKOTKA, Čestmír. (Editor: Johannes Wilbert). **Classification of South American Indian Languages. Volume 7.** University of California. Los Angeles, 1968.

KAUFMAN, Terrence. Language History in South America: what we know and how to know more. *In*: PAYNE, Doris L. **Amazonian Linguistics: studies in Lowland South American Languages.** University of Texas Press. Austin, 1990.

KOCH-GRÜNBERG, Theodor. 1928. **Vom Roroima Zum Orinoco, Ergebnisse einer Reise in Nordbrasilien und Venezuela in den Jahren 1911-1913: Sprachen, vol. 4.** Stuttgart: Strecker und Schröder.

MIGLIAZZA, Ernesto. Grupos lingüísticos do território federal de Roraima. **Actas do Simpósio sobre a Biota Amazônica, Rio de Janeiro**, p. 153-173, 1967.

MIGLIAZZA, Ernest Cesar. **Yanomama grammar and intelligibility**. Tese de doutorado. Indiana University, 1972.

MIGLIAZZA, Ernest C. Maku, Sape and Uruak languages: current status and basic lexicon. **Anthropological linguistics**, v. 20, n. 3, p. 133-140, 1978.

PAYNE, Thomas. **Exploring language structure: A student's guide**. Cambridge University Press, 2006.

ROGERS, Chris. **Máku: A Comprehensive Grammar**. Routledge Press, New York, 2021.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral.** 1916. 28ª edição em português, 2012. Editora Cultrix, São Paulo.

ZAMPONI, Raoul; ROGERS, Chris. 16 Máku. *In*: DARQUENNES, Jeroen; EPPS, Patience. **Language Isolates II: Kanoé to Yurakaré: An International Handbook**, pp. 767-806, 2023.